



A intoxicação solanácea na criança

Leonel São Romão Preto

Enfermeiro Especialista em Enfermagem de Reabilitação. Mestre em Toxicodependência e Patologias Psicossociais. Doutorando em Cultura e Psicossociologia da Comunicação. Assistente do 1º Triênio na Escola Superior de Saúde de Bragança.

Palavras chave: Datura; História e práticas tóxicas; Síndrome anticolinérgico; Intervenção de Enfermagem.

A ingestão de sementes de algumas plantas, designadas por solanáceas, provocam na criança sinais e sintomas similares à intoxicação por atropina.

Referimo-nos a plantas herbáceas anuais, que crescem espontaneamente nos canteiros de jardins, em campos não cultivados ou em terrenos abandonados.

Dessas plantas destacamos, pela presença abundante no nosso país, a figueira-do-inferno (*Datura stramonium*). Nas suas raízes, nos seus caules e folhas, mas principalmente nas suas sementes, a planta contém diversos alcalóides anticolinérgicos tóxicos.

São geralmente as pequenas e negras sementes das cápsulas, que atraem a curiosidade da criança, levando, quando digeridas, a um estado alucinatório aparatoso, que requer tratamento hospitalar. Embora possamos classificar este tipo de envenenamentos como casos raros, a gravidade da intoxicação solanácea é notória. Conhecer os sinais e sintomas clássicos deste tipo de intoxicação poderá ajudar-nos na avaliação da situação e no planeamento dos cuidados.

Daturas e práticas tóxicas.

Existem hoje dados relativamente seguros que nos permitem afirmar que, dentro da flora psicoactiva conhecida ao longo da história, as solanáceas terão sido das primeiras plantas de que o homem fez uso terapêutico e veículo de ebriedade.

Pertencem à família das solanáceas inúmeras plantas, que crescem espontaneamente na Europa central e ocidental, e de que destacamos a baladona, o meimendo ou a norça preta. De comum, estes arbustos apresentam na sua composição atropina e outras drogas antimuscarínicas, em estado natural. De entre as solanáceas a datura estramónio é das mais tóxicas, estando bem relatada, pela etnobotânica a sua história e a sua toxicidade.

Os primeiros registos escritos sobre o uso destas plantas chegaram até nós pelos textos babilónicos e as suas propriedades alucinogénias eram conhecidas no antigo Egipto, na China e na Índia (Escohotado, 1998). Na antiguidade, segundo Lopez *et al* (2000) a planta foi utilizada também para o alívio das dores articulares e no tratamento de queimaduras e feridas.

Mais próximo dos nossos dias, a América conheceu os efeitos nocivos da ingestão de daturas, referenciadas frequentemente na

literatura anglo-saxónica pelo nome de *Jimsonweed*. Com efeito, no século XVII alguns soldados britânicos, consumiram, num episódio que se tornou célebre, a planta na colónia de Jamestown, vindo a falecer em consequência de tal acto: Consequentemente o nome, que significa "erva daninha de Jamestown" (Forherger, 1998).

Em plena revolução francesa, os efeitos tóxicos da datura eram bem conhecidos igualmente pelos condenados à morte por Robespierre. Assim, e antecipando as dores dos espancamentos a que eram sujeitos e à posterior guilhotina, os condenados costumavam encher os bolsos com sementes da solanácea que ingeriam em desesperada tentativa de suicídio (Escohotado, 1998).

Epidemiologia

Podemos dizer que, se por um lado a intoxicação por *Datura stramonium* está bem relatada na literatura, quer quanto à sua prevalência e incidência, torna-se ao mesmo tempo difícil distinguir a ingestão voluntária da exposição accidental. Se no caso das crianças o contacto com a planta se faz acidentalmente, no caso dos adolescentes e dos jovens adultos, o contacto é geralmente voluntário, sendo esta variável importante no resultado da prática tóxica.

O Departamento de Justiça dos Estados Unidos da América, relata 2305 casos de exposição à datura. Segundo a mesma organização entre Abril de 1997 e o mesmo mês de 1998, cerca de 51 adolescentes ou jovens adultos foram hospitalizados em consequência de intoxicação por datura stramonio (Natal Drug Intelligence Center, 1998).

Em África, a intoxicação voluntária por daturas é frequente em alguns países. Djibo e Bouzou (2000) relatam uma intoxicação colectiva de 4 adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos de idade enviados ao Hospital Nacional de Niamey, após terem fumado cigarros à base das flores e folhas das plantas, confeccionados pelos próprios adolescentes.

Embora a prática tóxicomana da ingestão de daturas seja uma possibilidade a ter presente tratando-se de adolescentes ou adultos, na criança a intoxicação solanácea é acidental. Lopez *et al* (2000) descrevem na revista *Anales de Pediatría*, um estudo de caso e a observação clínica de uma criança de 7 anos de idade, intoxicada por daturas.

Em Portugal, num estudo realizado no Hospital Pediátrico de Coimbra, entre 1977 e 1988, conclui-se que entre 1371 crianças em que foi diagnosticada intoxicação exógena, 35 delas apresentavam sintomatologia anticolinérgica. Das 35 crianças com este tipo de sintomatologia, só em 22 foi possível identificar o agente causal; um produto químico em 19 casos e um produto vegetal, bagas de solanáceas, em 3 casos (Wincler; Saraiva *et al*, 1990).



Fig. 1 - Datura Stramonium

Outros contributos para a compreensão da equação tóxica

A datura stramonio contém em seu estado natural alguns alcalóides como a hiosciamina, a atropina e a escopolamina. Segundo Lopez *et al* (2000) cada semente de datura contém aproximadamente 0,1 mg de atropina, sendo os seus componentes activos, metabolizados pelo fígado e eliminados pelo rim.

A intoxicação manifesta-se por sinais e sintomas anticolinérgicos.

Na suspeita deste tipo de intoxicação acidental na criança, alguns dados poderão ajudar no diagnóstico: Desde logo a época do ano, pois a datura irrompe no Verão e definha com o fim do Outono; o relato da família, acerca das características do local onde a criança brincava será importante, pois esta solanácea cresce geralmente em locais não cultivados ou com escombros; à família deverão ser dados os nomes mais comuns desta planta: Datura, Figueira do Diabo, Figueira do Demónio ou Trombeta de Anjo, com o objectivo de recordar ou identificar a planta; em caso de dúvida, e se disponível pela equipe de saúde, poderá ser apresentada uma fotografia aos familiares para maior facilidade na identificação. A Internet é um bom recurso de ajuda visual nesta última questão.

Sintomatologia

Existindo na planta alcalóides tóxicos para o sistema nervoso parassimpático como a atropina a hiosciamina e a escopolamina a sintomatologia, dependerá da quantidade de sementes ingeridas.

Embora o quadro clínico possa ser aparatoso a sua evolução é geralmente benigna. Os sinais e sintomas são os característicos de uma intoxicação antimuscarínica e podem incluir:

Sintomatologia cutânea: Fácies característico com pele quente e roborizada, erupções eritematosas e secura da boca.

Sintomatologia ocular: Pupilas dilatadas e visão enevoada.

Sintomatologia cardiorespiratória: Taquicardia, elevação dos valores da pressão arterial, insuficiência respiratória.

Sintomatologia neurológica: Agitação, alucinações, convulsões ou coma.

Intervenções terapêuticas

De acordo com Wincler; Saraiva *et al* (1990) os cuidados a prestar na intoxicação por substâncias de tipo atropínico devem ter como objectivo atingir as metas clássicas do tratamento das intoxicações exógenas: diminuição da absorção; aumento da excreção; terapêutica sintomática e eventual administração de antídoto.

Com o objectivo de diminuir a absorção deve recorrer-se à lavagem gástrica, que deve ser executada mesmo se a criança tiver vomitado ou se a emese tenha sido induzida, para assegurar a máxima eliminação do produto tóxico. Posteriormente à lavagem deve ser administrado carvão activado.

A administração de líquidos por via intravenosa poderá acelerar a excreção do tóxico. Nos casos em que não exista depressão do nível de consciência não está contra-indicado a ingestão de líquidos por via oral, no entanto deverá ter-se em atenção o facto dos componentes anticolinérgicos inibirem a motilidade gastrointestinal.

Muitos dos cuidados assentam no tratamento sintomático. Devido à possível ocorrência de alucinações a criança deve permanecer hospitalizada num ambiente tranquilo e com monitorização do estado de consciência e sinais vitais.

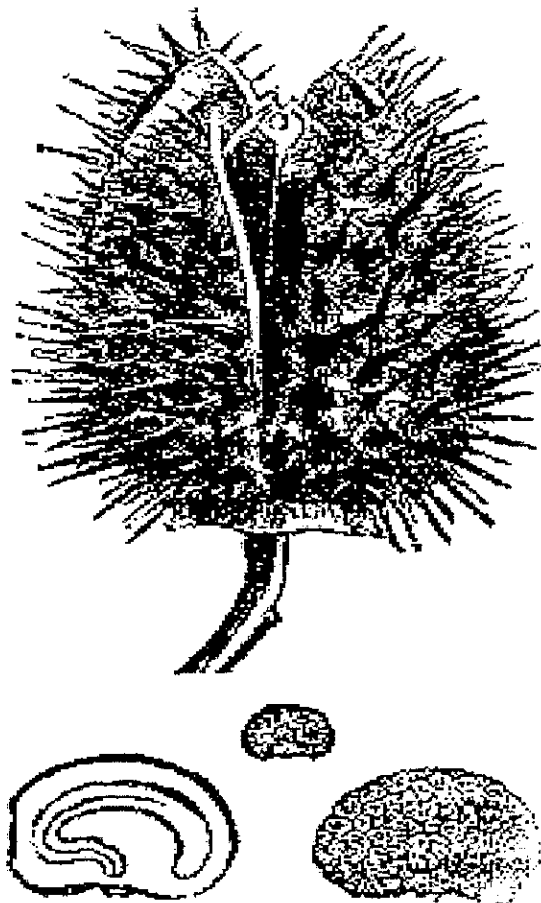
A administração de antídotos, para reverter os efeitos anticolinérgicos, como a fisostigmina é segundo alguns autores controversa, só devendo ser usada em casos de compromisso vital (Lopez *et al*, 2000).

Conclusões

A ingestão acidental de sementes da *Datura* é a forma mais vulgar de ocorrência de intoxicação solanácea na criança. O quadro tóxico é similar à intoxicação por atropina.

A gravidade do quadro dependerá do número de sementes ingeridas e embora o quadro clínico possa ser aparatoso a sua evolução é, geralmente, benigna. Poderá existir midríase, flush cutâneo, mucosas secas, agitação, alucinações, convulsões ou coma.

Os cuidados assentam na lavagem gástrica em tempo útil, no controle da agitação psicomotora, na vigilância da temperatura corporal e na monitorização dos desequilíbrios electrolíticos e monitorização cardio-respiratória.



Referências Bibliográficas

AIRA, L. (2001). *Las plantas alucinógenas*. Editorial Paidotribo. 4ª ed. Barcelona.

DJIBO, A; Bouzou, S. (2000). Intoxication aigue au "sobi-lobi" (*Datura*). A propos de quatre cas au Niger. *Clinique*.

Acesso: <http://www.pasteur.fr/sante/socpatex/pdf/2000n4/djibo.pdf>

ESCOHOTADO, A. (2001). *História general de las drogas*. Espasa Calpe, S. A. 4ª ed. Madrid.

GROSZEK, B *et al*. (2000). Self-poisoning with *Datura Stramonium*. *Przegl Lek*. 57(10): 577-579. IMedlineI

LOPEZ, L *et al*. (2000). Intoxicación por *Datura Stramonium*. *Anales de Pediatria*. 53(01):53-55.

National Drug Intelligence Center. U. S. Department of Justice. *Jimsonweed (Datura stramonium)*.

Acesso: <http://www.usdoj.gov/ndic/pubs/579/579p.pdf>

WINCKLER, L ; Saraiva, J *et al*. (1990). Intoxicação por substancias com acção de tipo atropínico. *Saúde Infantil*. 12(3):189-198.